

Loja e site vão comercializar artesanato de comunidades

Escrito por **Redação**, 00:16 / 13 de Junho de 2012.

A loja e site de comercialização de produtos que formam o Giro Social serão inaugurados amanhã

Fortaleza. Não apenas desenvolver um papel social e cultural na manutenção das tradições do artesanato regional, mas sobretudo gerar rendas para as famílias pobres. Isso por meio de um canal de comercialização em que o público conheça e aprecie graciosas peças feitas com bordados, filé o bilro.

Para tanto, a Organização Não Governamental Giro Social estará comercializando esses produtos a partir de amanhã, em sua sede, na Rua Carvalho Lima, Nº 38, na Aldeota.



Bilro é uma das técnicas feitas pela ONG Tear Comunitário, pelo Giro Social

Com isso, estarão expostos e disponíveis à venda neste dia da inauguração, às 16h, na loja localizada na ONG Tear

Comunitário e por meio do site www.girosocial.org.br.

Apoio

A Tear Comunitário surgiu a partir do Programa Energia Social da Coelce, que depois de identificar áreas de risco e alta vulnerabilidade e com baixo índice de Desenvolvimento Humano (IDH) buscou melhorias implementando nas comunidades envolvidas com ações que gerassem renda.

Esses objetivos ganharam um impulso ainda maior com o apoio do Ministério da Cultura, que ampliou a demanda. Atualmente, o projeto tem

19 comunidades e cerca de 200 participantes, sendo a maioria formada por mulheres, de diferentes faixas etárias, mas contando, inclusive, com crianças.

A presidente da ONG, Marluce Borges, explica que o foco das ações é voltado para o aspecto positivo, haja vista a estigmatização dessas comunidades, sempre muito associadas a lugares violentos e tomados pela marginalidade. Com a prática do artesanato, alcança um público importante, que são as mulheres e essas têm um papel importante na agregação familiar e, agora, na geração de renda.

A associação é formada pelas comunidades de Parque Urupê, Itaoca, Jacarecanga, Jangurussu, Autran Nunes, Alves de Lima, Guajiru Rosalina e São Cristóvão (Fortaleza); e Coaçu (Pacajus), Caponga e Guanacés (Cascavel), Caucaia e Limoeiro do Norte, tendo como responsáveis, além de Marluce, as lideranças das comunidades do Vila Velha, Guajiru, Messejana e Itaoca e as psicólogas comunitárias Carolina Ferreira e Gueira Vilhena.

O objetivo é pensar coletivamente estratégias de comercialização dos produtos e fortalecimento das comunidades denominadas, Grupos Produtivos, no âmbito artístico, cultural e de gestão do conjunto de empreendimentos solidários.

Os produtos comercializados serão: renda de bilro, bordados a mão, rechilieu, madeira, recomposição de retalhos - "patchwork", produtos naturais e medicinais, renda de filé, ponto de cruz, coco, artesanato a partir do trançado da palha da carnaúba e buriti, artesanato a partir do barro, artesanato em papel, bolsas retornáveis, pirogravura, crochê, além de artefatos para cozinha, cama, mesa e banho.

Engajamento

Marluce reforça que o Tear Comunitário, surgido das ações do Giro Social, já funciona há sete anos, mas somente agora ganhou impulso maior com o envolvimento de mais parceiros.

No entanto, destaca que o sucesso depende ainda do engajamento comunitário. Enquanto na Capital o perfil de lugares violentos ainda estabelece dificuldades para a expansão do programa, há uma adesão

maior na Região Metropolitana, tais como os Municípios de Cascavel, Pacajus e Caucaia. Nestas localidades, conforme observa, ainda há ainda um enraizamento com as tradições interioranas e que fica mais fácil explicar porque se deve manter vivas tradições do artesanato regional.

"Nossa ideia é que esses saberes sejam repassados de mães para as filhas e que não se percam os traços fundamentais da nossa cultura", ressalta a presidente da Associação.

Marluce nota que assim como as novas gerações masculinas são arredias às atividades da pesca artesanal, corre-se um risco de que as jovens se desinteressem por essas técnicas. Daí a necessidade de mostrar que são importantes para se obter renda e destacar as mãos femininas mais hábeis no desenho.

Além das aulas ministradas de bordado e outras técnicas artesanais, as mulheres são envolvidas em atividades voltadas para a economia doméstica, assistência social e o psicodrama, que é uma ferramenta importante no enfrentamento dos conflitos vividos pelas comunidades de baixa renda. No momento, boa parte do público é constituído por mulheres, mas o projeto pretende atingir os homens, com outras práticas, inclusive a utilização da cerâmica.

No momento, o Giro Social e seu braço social funcionam na Matriz Criativa, um espaço nobre no coração da Aldeota. Contudo, observa que há a necessidade de mais espaços, a fim de que as oficinas possam funcionar com maior intensidade e maior mobilização das comunidades nas áreas atendidas. Em alguns casos, o trabalho é árduo, como na Rosalina. Num dia dedicado à oficina de corte e costura, os serviços foram interrompidos para que acontecesse no galpão um velório de uma das vítimas da guerra das drogas. No entanto, o fato é que a semente do projeto germinou e agora já produz seus frutos.

Saberes da rendeira são fonte de riqueza

Fortaleza. "Somos uma comunidade pobre e quando apareceram para nos ajudar adiantamos logo que não queríamos dinheiro, porque seria como o bolsa família. Logo, iríamos gastar. Mais a capacitação e os saberes ficam para sempre".

A afirmação é da presidente da Associação Filantrópica Nossa Senhora das Graças, no Coaçu, em Pacajus, Maria das Graças Lima da Silva, ao comentar o envolvimento das mulheres do bairro na iniciativa do Giro Social.



Na Região Metropolitana, as oficinas têm sido efetivas na produção e agora os líderes comunitários esperam que haja mais facilidades para a comercialização

Maria das Graças conta que dos 352 associados, 18 mulheres fazem parte do Grupo de Rendas do Coaçu, mantendo viva a tradição das rendeiras daquela Região Metropolitana de Fortaleza. Mais do que isso, lembra, tem sido as oficinas aplicadas para meninas, o que é uma demonstração da transferência de conhecimento por sucessivas gerações daquela localidade.

"Nós começamos em 2009. Em 2010, já fazíamos renda de bilro para vestidos, saias e shorts. Depois, conseguimos máquinas de costurar e aí expandimos ainda mais nossa produção", lembra a presidente.

Dificuldades

Maria das Graças reconhece que a grande dificuldade vivida pelas mulheres da comunidade é a comercialização da produção. Daí que aposta nesta nova iniciativa de vender os artigos através do site e da pequena loja instalada na Aldeota.

Ela também admite que falta um espaço próprio para as atividades das participantes do projeto. No momento, atuam numa casa alugada pela Prefeitura, que também resolveu apoiar o programa, com o fortalecimento da parceria da Coelce e do Ministério da Cultura.

O presidente Associação de Apoio às Famílias Carentes da Zona Rural de Guanacés, em Cascavel, Josemir Eduardo Pereira, conta que a entidade

reúne atualmente 82 famílias, sendo que dez mulheres rendeiras participam da Oficina do Tear, mantido pelo Giro Social.

"A ideia começou com o propósito de que a renda bilro e outras manifestações artesanais não se acabassem por conta do modismo. Isso nós já conseguimos porque cada vez mais aumenta a adesão de novas participantes", salienta Josemir.

Ele também reconhece que a produção é grande, mas há obstáculos difíceis para a venda dos produtos. Assim como Maria das Graças, apostam que a lojinha e o site representam uma era para a comercialização se tornar mais intensa e a prática mais atraente para as jovens gerações.

"Havendo renda, existe maior estímulo dos jovens, porque todos buscam uma fonte de subsistência", disse o presidente da Associação em Cascavel.

Ambos são líderes comunitários unânimes em identificar os ganhos sociais obtidos com o desenvolvimento do projeto. Mais e mais pessoas passaram a contar com uma qualificação e um meio de subsistência que são fundamentais para o sustento da família. Ou, como diz Maria das Graças, se a ajuda tivesse vindo por meio de dinheiro vivo, esse já teria sido gasto, assim como facilmente se consome a cesta básica. Muito diferente do que acontece com o saber e a transferência de conhecimentos.

Atendimento

19 Comunidades são atendidas pelo Giro Social, abrangendo cerca de 200 mulheres, de faixas etárias distintas e contando, inclusive, com meninas das famílias

Mais informações:

Tear Comunitário - Rua Carvalho Lima, Nº 38 - Aldeota
Telefone: 3261.0220

www.girosocial.org.br

MARCUS PEIXOTO

REPÓRTER

[Loja e site vão comercializar artesanato de comunidades - Região - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)